



Centenário de Dom Paulo Evaristo Arns, OFM (1921 – 2021)

- Lembranças sobre Dom Paulo -

Frei Lourenço Papin, OP

Seu natal: 14 de setembro de 1921, em Forquilha, SC. Sua páscoa: 14 de dezembro de 2015, em um hospital na cidade de São Paulo. 14 de setembro de 2021: início das comemorações do centenário de seu nascimento.

Ao ensejo dessa efeméride, presto aqui minha pequena homenagem ao tão grande pastor que conheci e com quem partilhei muitas de minhas preocupações ao longo de minha estadia pastoral em São Paulo.

Transferido pelos meus superiores de Goiânia para São Paulo, em maio de 1973 encontrei-me, pela primeira vez, com Dom Paulo quando assinou minha nomeação como pároco da Igreja Sagrada Família, no Jardim da Saúde. Como pastor e pai, muito me encorajou quando lhe confidenciei meus temores em exercer o ministério na metrópole paulistana.

E fui conhecendo-o mais de perto. Estávamos no tempo da ditadura militar. Em setembro de 1973, uma jovem senhora da Paróquia, monitora na nossa Escola de Alfabetização de Adultos (pelo método Paulo Freire), foi levada com seu esposo para a prisão do DOI-CODI, onde, como dezenas de pessoas, eles foram muitas vezes barbaramente torturados. Recorri a Dom Paulo que me indicou, como advogado de defesa, Dr. José Carlos Dias, membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese.

Tomei, então, plenamente consciência do que era a crueldade da tortura. Pediu-me Dom Paulo que sempre o informasse pessoalmente sobre o andamento desse caso que durou dois anos. E assim nos tornamos muito amigos.

Conheci Dom Paulo como o grande defensor de todas as vítimas do Regime Militar, o crítico corajoso desse Regime, o promotor e defensor dos direitos fundamentais da pessoa humana, sem distinção de religião ou de ideais políticos. Foi a voz dos que não tinham voz. Foi o “ícone da luta contra a ditadura militar”.

Como discordava da política do “Milagre Econômico”, propagada pelo Governo Federal, teve como reprimenda o fechamento da popular Rádio Nove de Julho, de alcance nacional e a permanente censura do jornal semanal O São Paulo, ambos pertencentes à Arquidiocese.

Impressionante a dimensão sócio-política da ação evangelizadora de Dom Paulo. Foi o pastor preocupado sobretudo com os pobres, marginalizados e oprimidos. Teve a ousadia de vender o “palácio episcopal Pio XII” para que se aplicasse o valor da venda na construção de Centros Comunitários e Capelas nas periferias da cidade. E foi morar num pequeno sobrado bem simples que, certo dia, não escapou de um assalto!

Viveu a bem-aventurança de ser criticado, perseguido e injuriado por causa da justiça que pregava e promovia.

Com sabedoria pastoral dividiu a populosa Arquidiocese em sete Regiões Episcopais com seus respectivos bispos que formavam um Colégio Episcopal sob a sua discreta e democrática presidência.



Como frade franciscano, viveu uma vida de simplicidade, austeridade e pobreza evangélica. Foi um intelectual de vasta cultura, com doutorado em Teologia, na famosa Sorbonne na França. Foi um estudioso da Teologia Patrística, sobretudo de São Jerônimo. Escreveu cinquenta e cinco livros, sempre em consonância com a realidade sociorreligiosa contemporânea. Durante quase trinta anos escreveu o editorial semanal do jornal O São Paulo. Era um poliglota que conhecia perfeitamente o francês, o alemão, o grego e o latim.

Foi um homem de oração e contemplação que transpareciam em suas celebrações, pregações e palestras. Pregou um retiro a nós padres da Região Episcopal Ipiranga, surpreendendo-nos com o pedido de um dia de austero jejum.

Foi um homem de esperança e otimismo, tendo como lema episcopal: “De spe in spem”, ou seja, “De esperança em esperança”. Foi um intrépido arauto da esperança, um místico da pós modernidade. Foi chamado de o “cardeal da esperança”.

Foi modelo de pastor zeloso pelo rebanho por vinte oito anos. Sempre cordato, sorridente e acolhedor. Profundamente humano. Desportista também e... corintiano! Quando o Corinthians, depois de muitos anos tornou-se campeão paulista, escreveu uma “Carta aos corintianos” (parafraseando as cartas de São Paulo aos coríntios), publicada em uma revista de circulação nacional.

Aos 75 anos, renunciou ao episcopado, retirando-se para uma vida mais intensa de oração e contemplação, colocando sua vida nas mãos do Pai e declarando, com bom humor, que “não tinha pressa de partir”! E o Senhor o atendeu, pois morreu aos 95 anos.

Como afirmou o escritor Mário Sérgio Cortela, “não é possível imaginar o século XX e a história recente sem Dom Paulo Evaristo”.

Seu corpo foi velado na Catedral, com a presença e a participação de uma multidão, sobretudo de gente simples do povo das periferias da cidade. Após solene missa, concelebrada por centenas de sacerdotes e numerosos bispos, foi sepultado na cripta da Catedral, sob os aplausos do povo de Deus entre lágrimas. São Paulo chorou a partida de seu pastor.

Que sua passagem entre nós continue suscitando a esperança de melhores dias para este nosso sofrido país.